

Telejornal Campus: Uma edição bem sucedida no aprendizado da reportagem para TV¹

Talita AMORIM²

Letícia RENAULT³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O Telejornal Campus é resultado do esforço de aprendizagem na apuração, produção, edição e apresentação da reportagem audiovisual feita pelos alunos de Jornalismo em Televisão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília sob a orientação da Prof. Dra. Letícia Renault. É um telejornal produzido sem teleprompter. O campus da UnB e as salas de aula da FaC são nossos estúdios. As câmeras e as ilhas de edição do Laboratório de Audiovisual nos permitem passar por todas as etapas da produção de uma reportagem para um telejornal. As edições gravadas são exibidas pela UnBTV e na web. As reportagens são também oferecidas ao TJUFSC, produzido pela Universidade Federal de Santa Catarina, que apresenta algumas em suas exibições diárias pela web.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornal; Campus; Aprendizado; Reportagem; Laboratório.

1 INTRODUÇÃO

O Telejornal Campus é resultado do esforço de aprendizagem na apuração, produção, edição e apresentação da reportagem audiovisual feita pelos alunos de Jornalismo em Televisão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília sob a orientação da Prof. Dra. Letícia Renault. É um telejornal produzido sem *teleprompter*. O *campus* da UnB e as salas de aula da FaC são nossos estúdios. As câmeras e as ilhas de edição do Laboratório de Audiovisual nos permitem passar por todas as etapas da produção de uma reportagem para um telejornal. As edições gravadas são exibidas pela UnBTV e na *web*.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em videojornalismo e telejornalismo (avulso/conjunto ou série).

² Aluna líder e graduada em 1/2014 no Curso de Comunicação Social - com habilitação em Jornalismo, email: t.amorim.oliveira@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso Jornalismo em Televisão, email: ml_renault@yahoo.com.br.

As reportagens são também oferecidas ao TJUFSC, produzido pela Universidade Federal de Santa Catarina, que apresenta algumas em suas exibições diárias pela *web*.

2 OBJETIVO

O Campus é um telejornal laboratório que busca promover a prática de telejornalismo, não só no produto final - um telejornal de trinta minutos, como também através da vivência da rotina da produção de pauta, reportagem, edição de VT e gravação de telejornal. Visa aprendizado e desenvolvimento da reportagem completa, cabendo aos alunos acrescentarem ou não notas, *standups* e outros quadros. As pautas não são frias, a intenção é realmente vivenciar a correria e decisões rápidas durante uma matéria sobre assuntos factuais. É uma atividade de aprendizagem que permite ao aluno experimentar, vivenciar e refletir sobre a linguagem do telejornalismo, a força da palavra e da imagem. Bem como o estilo telejornalístico e a veiculação da reportagem televisiva nos vários suportes móveis e no ambiente multimidiático da *web*. Pois, além de ser exibido na UnBTV, ele é disponibilizado na página da Faculdade de Comunicação da UnB, no endereço: <http://fac.unb.br/producao/telejornal-campus>

3 JUSTIFICATIVA

A televisão é um meio de comunicação e fonte de informação central na sociedade brasileira. Ela está em quase sessenta⁴ por cento dos lares brasileiros, já tendo ultrapassado o rádio. Daí a importância de preparar o aluno de jornalismo para produzir reportagem e notícia para televisão. Trata-se de conteúdos jornalísticos audiovisuais que vão da televisão para a *web*, o que exige do aluno capacidade de produção e reflexão para produzir para vários meios.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O Campus é feito em uma sala de aula que se comporta como uma redação de telejornal e busca proporcionar a prática da produção de notícia e reportagem para televisão. Não só na rotina de reuniões de pauta e apuração, como também na disposição do espaço físico que

⁴ Tv: 59,4% Rádio: 51,1% Só perde para o fogão: 60,4%. Fonte: IBGE/PNAD 2011

simula uma redação de jornal. No começo da disciplina de Jornalismo em Televisão, há o estudo da bibliografia utilizada para que, então, os alunos tenham ferramentas para refletir criticamente e analisar telejornais atuais de várias emissoras. Além de aprender conceitos e jargões do meio telejornalístico. Na etapa seguinte, a turma trabalha dividida em equipes nas quais executam as atividades vitais ao telejornalismo: produção, reportagem, edição, fechamento e apresentação de telejornal. Ao longo do semestre, os alunos se revezam nas funções, o que lhes possibilita praticar todas as etapas da reportagem de televisão. Tudo é supervisionado pela professora, porém, as reuniões de pauta, decisões, edição e acompanhamento da reportagem são feitos pelos próprios alunos de acordo com as funções que exercem em cada edição do telejornal.

Não existem condições materiais ideais, por isso, são improvisadas. A redação vira estúdio, mesmo não tendo isolamento acústico, nem iluminação adequada. As câmeras são apenas 6, geralmente divididas com alunos de outras disciplinas do Jornalismo. A Faculdade possui 5 ilhas de edição onde o aprendizado da edição se dá de forma satisfatória.

Mas a falta de estúdio e *teleprompter* não impede o fechamento da edição. Os alunos gravam com script na mão no ambiente da redação mesmo, ajeitando apenas algumas cadeiras e computadores. A impossibilidade de fazer um telejornal ao vivo, nos leva a uma produção gravada, o que por outro lado, proporciona um aprendizado passo a passo de cada etapa de produção e fechamento, além da possibilidade de corrigir erros nas próximas edições - já que são três ao longo do semestre. O aprendizado continua no momento de pós produção do telejornal nas ilhas de edição. Onde, mais uma vez, a professora dá dicas e orienta os alunos, mas cabe a eles as escolhas e decisões finais. Uma vez editado, o telejornal é exibido e criticado em sala e, em seguida, exibido na UnB TV.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O telejornal em questão é a terceira edição do Campus, realizado no primeiro semestre de 2013. Na época, ocorreram várias manifestações nos meses de maio e junho em todo o país. Causadas, inicialmente, pelo aumento de vinte centavos na passagem de ônibus em algumas capitais. Logo os motivos das manifestações se estenderam para a educação, saúde segurança. Até então, as manifestações não entraram na pauta do Campus, pois a ideia era fazer reportagens sobre a região, de modo que a experiência da reportagem pudesse ser presencial: ir às ruas, lidar com a iluminação natural e entrevistar pessoalmente.

Mas tudo mudou quando as manifestações assumiram outros contornos e chegaram em Brasília. As condições de saúde, educação e segurança eram questionadas frente aos altos gastos para a Copa das Confederações 2013 e para a Copa do Mundo 2014. Essa mudança de viés na pauta das manifestações aconteceu porque Brasília iria sediar a abertura da Copa das Confederações no dia 15 de maio. E foi nessa data que aconteceu a primeira manifestação e confronto com a polícia em Brasília.

Antes disso, um dos grupos já tinha decidido fazer uma série de reportagens especiais sobre a Copa, abordando segurança nos estádios, turismo e economia. Porém, o último tema teve de ser mudado para abarcar os protestos. Mas vimos que abordar as manifestações só em umas das reportagens da série era não dar a verdadeira dimensão e origem das manifestações. A necessidade de uma reportagem só sobre as manifestações ficou clara. Já durante o período de execução da segunda edição, as pautas da terceira edição foram mudadas e organizadas de modo a encaixar a cobertura dos protestos que estavam sendo anunciados e organizados pela rede social *Facebook*. Essa reestruturação foi possível porque as funções de todos os alunos nas três edições do Campos foram estabelecidas desde o começo do semestre.

Na terceira edição, eu estava como editora chefe e uma das âncoras. Porém, não só eu, mas todos acabaram exercendo muito mais que as funções estabelecidas. A excepcionalidade e a proximidade física das manifestações nos abrigavam a uma cobertura total. Além da dificuldade de materiais, havia também a dificuldade de horários dos alunos, pois, a disciplina Jornalismo em Televisão é ofertada no sétimo semestre, quando todos já estagiam e visam uma efetivação. Sem contar com o medo de não saber o que esperar de uma manifestação e de como cobri-la.

A turma estava dividida em dois grupos, cada grupo faria três edições paralelas. Mas quando vimos as manifestações a poucos quilômetros da sala de aula, e sentimos um misto de medo e de anseio por cobri-las, nos juntamos e nos ajudamos quanto ao material, às fitas e aos repórteres cinematográficos. As imagens e informações seriam de todos, só voltaríamos a ser dois grupos na hora da edição.

Meu grupo correu para adiantar as outras reportagens da edição. Reportagens essas que também eram densas e sozinhas já mereciam um artigo. Como, por exemplo, a reportagem da série Sol Nascente, que fala da segunda maior favela da América Latina de mesmo nome da série e que fica a poucos quilômetros de Brasília. A equipe que fez as reportagens só entrou no lugar porque estava com um líder comunitário do local, e depois foi ajudada pela

polícia para não se perder nas ruas sem endereço. Na série, só mulheres trabalharam, nenhum homem foi editor, câmera ou repórter. E mesmo que houvesse um homem trabalhando na série, o perigo e o desafio continuariam.

O dia 15 de maio foi o primeiro teste. Foi a primeira manifestação em Brasília, e aconteceu durante a abertura da Copa das Confederações no Estádio Nacional Mané Garrincha. A maioria dos alunos estava de plantão nos estúdios e outros não foram porque não acreditaram que realmente iria ter uma manifestação grande, como prometido pela rede social. Nesse dia, fomos eu e mais dois colegas. Um deles era uma intercambista da França. Até então, nosso foco era mesmo a atuação dos voluntários que receberam treinamento para receber turistas de todo Brasil e estrangeiros. O número de pessoas era realmente grande, bem como o de policiais montados e do batalhão de choque. Mas, até então, não havia tido tumulto, quem foi ver o jogo estava entrando tranquilamente no estádio e nós estávamos fazendo as entrevistas como os voluntários.

Quando estávamos tentando entrevistar em inglês um casal de estrangeiros, um tumulto começou e uma bomba de gás lacrimogêneo estourou perto de nós. O homem saiu correndo segurando o filho bebê no colo e a mulher corria atrás segurando duas bolsas. A mulher chegou a cair algumas vezes até que um grupo de policiais cercou o casal e conseguiu tirá-los do local. O fato entrou no nosso vídeo, mas não com imagem da nossa câmera. Na hora, corremos junto com o casal e baixamos a câmera. As imagens que usamos foram da *Internet*. Foi a primeira lição que aprendemos para a próxima manifestação, nunca baixar ou desligar a câmera. Sem contar no que aprendemos sobre o tipo de roupa e calçado certo para cobrir um fato desses, além de termos uma ideia da necessidade do preparo físico para uma cobertura assim: chegamos às 14h e saímos às 21h, andamos a Esplanada e o Eixo Monumental todo à pé.

Depois dessa primeira manifestação, já tínhamos uma noção do que esperar e de como agir. Dia 20 de junho foi a cobertura mais emblemática para nós do Campus. Já tínhamos acompanhado várias outras entre 15 de maio e essa data. Mas a do dia 20 de junho foi a maior e mais violenta. Dessa vez foram sete colegas, três deles faziam parte do segundo grupo da turma. Antes de irmos, combinamos um local para nos encontrarmos, o tipo de roupa adequada para correr e até levar bala de borracha (calça jeans, tênis, camiseta e um casaco para amortecer quedas e balas). Também demos a orientação para que todos carregássemos as baterias dos celulares, das câmeras da UnB e levássemos outras câmeras, mesmo que de baixa qualidade. Demos uma olhada prévia no mapa de Brasília, para não

confundirmos as siglas das vias, a ordem dos ministérios ou os nomes dos prédios. Tudo para combinarmos locais de encontro, fuga e para passarmos a informação correta nas reportagens. Quando nos separávamos, a comunicação era constante, tanto por segurança nossa e do nosso material, como para saber o que estava acontecendo em vários pontos. Também contávamos com as ligações dos outros colegas e dos pais que acompanhavam as tudo pela televisão e nos davam informações e dimensões aéreas da manifestação.

Respiramos *spray* de pimenta, gás lacrimogêneo, fomos empurrados e vimos princípios de incêndio ao longo de todo o gramado da Esplanada. Tínhamos medo de sermos confundidos com jornalistas "de verdade", pois, jornalistas e caminhões de *link* tinha sido atacados em outras manifestações e em outras cidades. Mas quando nos identificávamos como estudantes, éramos bem recebidos. Esse foi outro cuidado, deixar nossas carteiras de estudante à mostra. Além de usar a canopla da UnB. Chegamos mais ou menos às 19h, e saímos quase 2h da manhã.

Naquele dia, todos os alunos que foram tiveram histórias e percepções para contar. Algumas foram coletivas e outras, pessoais. A minha foi respirar tanto *spray* de pimenta e gás lacrimogêneo que, para aliviar o ardor na garganta ao respirar, eu tirei minha camisa e molhei com vinagre. Como tínhamos combinado de levarmos casaco para amortecer as possíveis balas, tirei a blusa no meio da Esplanada e coloquei rapidamente o casaco. E a outra experiência, também no mesmo dia, foi levar uma multa por deixar minha moto na calçada e sair correndo com a câmera na mão, na hora em que um grupo de pessoas veio correndo na minha direção. A Esplanada dos Ministérios estava toda fechada, e os estacionamentos que ficaram livres estavam lotados. A calçada na qual deixei minha moto era perto da Catedral, não era passagem do protesto ou mesmo um possível caminho para a polícia ou ambulância passarem. Sei que estava errada, mas a necessidade e a euforia de não perder o momento foram maiores. Claro, meu erro não custaria a vida de ninguém, apenas uma multa e pontos na carteira. Mas também me renderia boas imagens, uma nota alta na disciplina e uma reflexão - uma discussão ética não é o foco, mas, lembrando o ocorrido: até que ponto, num estado de exceção como foram as manifestações, eu poderia fazer algo ilegal para conseguir as imagens ou informações.

6 CONSIDERAÇÕES

Fazer um telejornal laboratório no momentos das manifestações do meio de 2013 foi um dos melhores ensinamentos práticos que poderíamos ter na faculdade. Afinal, foi a primeira

manifestação realmente numerosa, nacional e violenta que a geração de quem nasceu já na democracia iria enfrentar. Ao mesmo tempo, éramos duas coisas: estudantes de um jornal laboratório, e cidadãos que faziam parte e concordavam com as reivindicações da manifestação, agentes e fontes daquele momento. Porém, precisávamos ser uma terceira: pessoas distantes daquele acontecimento, sem envolvimento emocional para poder passar o quanto mais possível a visão do todo. Precisávamos ser jornalistas.

Nunca o significado da palavra laboratório foi tão real. Além de vivenciarmos os prazos apertados e as dificuldades técnicas, experimentamos a tênue fronteira entre vivenciar o momento para reportá-lo e vivenciarmos o momento para fazermos parte dele. Que é um dos grandes desafios dos jornalistas nas coberturas políticas e históricas, principalmente quando acontecem no próprio país.

No final da terceira edição, todos nós estávamos com o sentimento de dever cumprido, de alívio por ter passado ileso. Mas, também nos fez pensar se seguiríamos ou não na profissão. Pois, ao contrário de nós, os jornalistas "de verdade", não descansaram no dia seguinte, eles continuaram com a próxima edição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURADO, Olga. **A Notícia na TV. O dia a dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV – Manual de Telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska. (orgs) **#telejornalismo: nas ruas e nas telas. Coleção Jornalismo audiovisual**. V2. Florianópolis: Insular. 2013. Textos para seminários.

VIZEU, Alfredo; Porcello, Flávio; Coutinho Iluska. (orgs) **60 anos de Telejornalismo no Brasil.História, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.